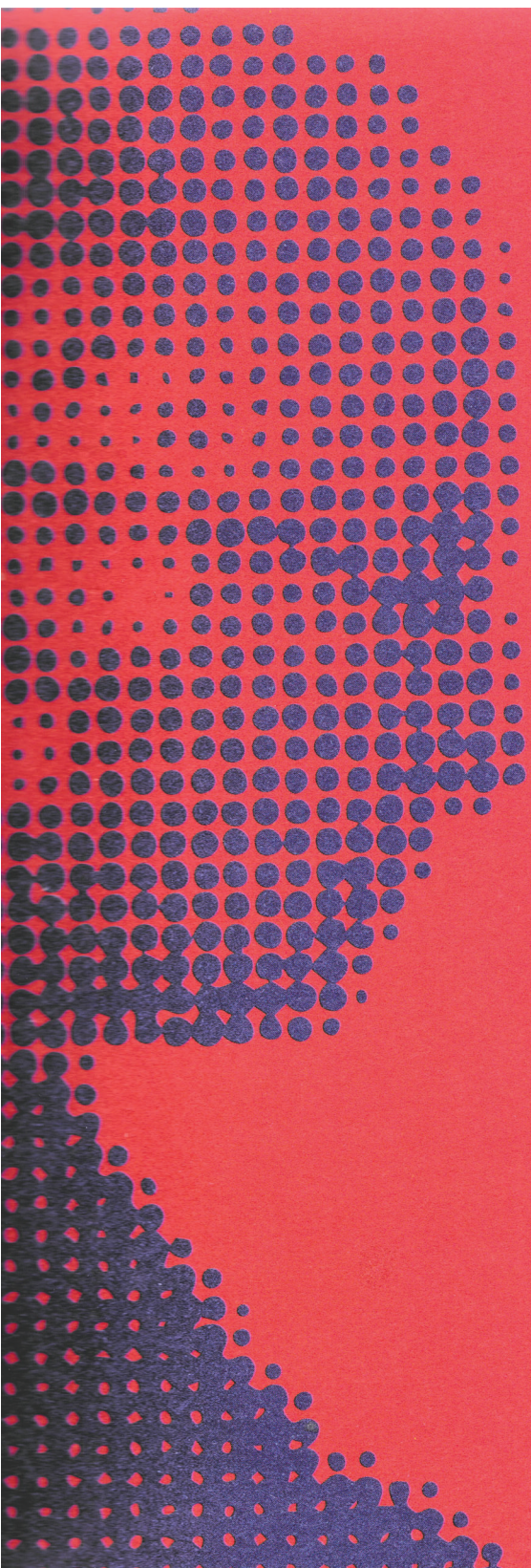


DAVID DE ALMEIDA
EM DIÁLOGO



DAVID DE ALMEIDA

EM DIÁLOGO COM

ANTÓNIO HOMEM CARDOSO

ANDRÉS ALCÁNTARA

CISELA BJÖRK

DIEGO MOYA

FRANCISCO ARIZTÍA

FRANCISCO PROVIDÊNCIA

HUMBERTO MARÇAL

INÊS ALMEIDA

JAIME SILVA

JOSÉ EMÍDIO

JOSÉ BRITO

PAULO NEVES

ROGÉRIO RIBEIRO

ROBERTO SANTANDREU

RUI MATOS

SASKIA MORO (CURADORIA)

VÍTOR RIBEIRO



Sobre a gravura de David de Almeida

José Saramago (1999)

Escritor

In Catálogo Exposição Círculo de Bellas Artes, Madrid, 2002

São poucos os que sabem da existência de um pequeno cérebro em cada um dos dedos da mão, algures entre a falange, a falanginha e a falangeta. Na verdade, aquele outro órgão a que chamamos cérebro, esse com que viemos ao mundo, esse que transportamos dentro da cabeça e que nos transporta a nós para que o transportemos a ele, nunca conseguiu produzir senão intenções gerais, vagas, difusas, e sobretudo pouco variadas, acerca do que as mãos e os dedos deverão fazer. Por exemplo, se ao cérebro da cabeça lhe ocorreu a ideia de uma pintura, ou música, ou escultura, ou literatura, o que ele faz é manifestar o desejo e ficar depois à espera, a ver o que acontece. Só porque despachou uma ordem às mãos e aos dedos, crê, ou simula crer, que isso era tudo quanto se precisava para que o trabalho, após umas quantas operações executadas pelas extremidades dos braços, aparecesse feito. Nunca teve a curiosidade de perguntar a si mesmo por que razão o resultado final desse processo manipulador, sempre complexo mesmo nas suas mais simples expressões, se assemelha tão pouco ao que havia imaginado antes de dar instruções às mãos para que lhe fizessem, também por exemplo, uma gravura.

Note-se que ao nascer os dedos ainda não têm cérebros, vão-nos formando a pouco e pouco com o passar do tempo e o auxílio do que os olhos vêem, O auxílio dos olhos é evidentemente importante, mas também o é o auxílio daquilo que por eles vai sendo visto e ali se esconde. Por isso o que os dedos sempre souberam fazer de melhor foi precisamente revelar o oculto. O que no cérebro da cabeça possa ser percebido como conhecimento infuso, mágico ou sobrenatural, seja o que for que isso signifique, foram os dedos e os seus pequenos cérebros que lho ensinaram. Para que o cérebro da cabeça soubesse o que era a pedra, foi necessário primeiro que os dedos a tocassem, lhe sentissem a aspereza, o peso e a densidade, foi preciso que se ferissem nela. Só muito tempo depois o cérebro intuiu que daquele fragmento de rocha se poderia fazer uma coisa a que chamaria faca ou uma coisa a que chamaria ídolo. O cérebro da cabeça andou toda a vida atrasado em relação às mãos, e mesmo agora, quando nos parece que passou adiante delas, ainda são os dedos que têm de lhe explicar as investigações do tacto, o estremecimento da epiderme ao tocar numa ferramenta, a dilaceração aguda do raspador, a mordedura do ácido na chapa, a vibração contida de uma folha de papel deitada, a orografia das texturas, o entramado das fibras, o abecedário em relevo do mundo. E as cores. A verdade é que o cérebro não é tão entendido em cores quanto se supõe. É certo que vê mais ou menos claramente visto o que os olhos lhe mostram, mas muitas vezes sofre do que poderemos designar por dificuldades de orientação na hora de converter o que viu em conhecimento. Graças à segurança inconsciente com que a duração da vida acabou por beneficiá-lo, pronuncia sem hesitar os nomes das cores a que chama elementares e complementárias, mas perde-se imediatamente, perplexo, duvidoso, quando experimenta formar palavras que possam servir de rótulos ou dísticos explicativos de algo inefável, de algo indizível, aquela cor ainda não nascida do todo que, com o assentimento, a cumplicidade e não raro a surpresa dos próprios olhos, as mãos e os dedos vão inventando e que provavelmente nunca chegará

a ter o seu justo nome. Ou talvez o tenha já, mas esse só as mãos o conhecem, porque compuseram a tinta como se estivessem a decompor as partes constituintes de uma nota de música, porque se sujaram na sua cor e guardaram a mancha no interior profundo da derme, porque só com esse saber invisível dos dedos se poderá alguma vez pintar a infinita tela dos sonhos. Fiado no que os olhos julgaram ter visto, o cérebro da cabeça afirma que, segundo a luz e as sombras, o vento e a calma, a humidade e a secura, a praia é branca, ou amarela, ou fulva, ou cinzenta, ou qualquer coisa entre isto e aquilo, mas depois vêm os dedos e, com um movimento de recolha, discreto e antigo, levantam da areia todas as cores existentes no mundo. O que parece único é plural, o que é plural sê-lo-á ainda mais. Não é menos verdade, contudo, que na fulguração exaltada de um só tom, ou na sua musical modulação, estão presentes e vivos todos os outros, tanto os das cores que já têm nome como os das que ainda o esperam, da mesma maneira que uma superfície de aparência lisa e plana poderá estar cobrindo, ao mesmo tempo que os manifesta, os rastros de todo o vivido e acontecido na história do mundo. Toda a arqueologia de materiais é, bem o sabemos, uma arqueologia humana. O que esta gravura esconde e mostra é o trânsito do ser no tempo e a sua passagem pelos espaços, os sinais dos dedos, as raspaduras das unhas, as cinzas e os tições das fogueiras apagadas, os ossos próprios e alheios, os caminhos que eternamente se bifurcam e se vão distanciando e perdendo uns dos outros. Este grão que aflora à superfície é uma memória, esta depressão a marca que ficou de um corpo deitado. O cérebro perguntou e pediu, a mão respondeu e fez.

João Prates (2025)

Diretor do Centro Português de Serigrafia - CPS

Conheci David de Almeida em 1996, por ocasião de uma exposição organizada pelo Centro Português de Serigrafia (CPS) no âmbito da Estampa de Madrid. Desde então, nasceu uma amizade tecida por afinidades eletivas: o respeito pela ancestralidade, a cumplicidade no fazer artístico, o gosto pela arqueologia, a paixão pela gravura e a partilha de uma mesma visão humanista da arte. Uma amizade fraterna, também, familiar.

O CPS viria a organizar mais duas exposições do artista, Gravuras Recentes (CPS Sede, 2002) e *Cadência* (CCB, 2011), uma homenagem no FIG Bilbao em 2014 e a editar a suite de quatro gravuras *Frei Luís de León*, patente na presente exposição, uma serigrafia e um Livro de Artista com texto de Tomás Paredes, integrados na série *Cadência*.

A minha crescente admiração pelo David culminou no honroso convite que me dirigiu para comissariar a sua notável exposição *A Ética da Mão*, apresentada na Biblioteca Nacional de Portugal em 2014. Foi um projeto de entusiasmo e grande entrega do artista, em forma de retrospectiva, que o infortúnio não lhe permitiu ver concluído. Apesar da dedicação e incansável força da sua companheira, Mónica

Junqueira, partiu sem retorno aquele que elevou a gravura à vanguarda conceptual da criação contemporânea, aquele que buscava perfeição e humanidade em cada obra sua. Em fevereiro de 2015, a mostra seguiu para Vila Velha de Rodão, vila que tanto amava.

Da sua vasta obra, destaco a série *"Exercícios Líticos"*, do início dos anos 80. Nela, David de Almeida inaugura uma linguagem nova, fruto do apuro experimental da sua radical decisão de ser artista gravador. Estas gravuras revelam o seu espírito arqueológico — curioso, interrogador, incansável — e, ao mesmo tempo, evocam o fascínio de infância pelas manifestações megalíticas em torno de S. Pedro do Sul, a sua terra natal. Com esta série, estabelece-se um antes e um depois na história da gravura contemporânea: ao percorrer o país para decalcar diretamente gravuras rupestres e transformá-las em matrizes criativas, o artista devolve à posteridade a memória dessas pedras anónimas por milénios. Um gesto de profunda consciência conceptual, que reclama a relevância e o apreço pelo legado dos que o antecederam.

Celebrar a obra de David de Almeida é a mais justa

forma de perpetuar a sua memória — intenção que dá sentido a esta exposição, muito bem comissariada por Saskia Moro, nascida de forma natural e fortalecida pelo entusiasmo, dedicação e amizade de todos os que, tocados pela sua presença humana e artística, se reuniram para tornar possível esta homenagem. A Arte é salvadora. E o David estará sempre presente em cada obra que nos deixou. Rigoroso, metódico, inventivo, essencialista, sábio, íntegro, ético.

A Marca de David Almeida

Tomás Paredes (2025)

Presidente Honorário da Associação Internacional de Críticos de Arte - AICA Spain

Antes de mais, é necessário salientar que David de Almeida parecia, acima de tudo, um ator de cinema, um galã, um dândi. Bonito, bem-apessoado, com roupas adequadas, cadência, presença e naturalidade. Afável, cortês, sorridente, cavalheiro sem afetação, com um pouco de distância ou de fleuma inglesa.

Eu disse "parecia", o que se percebe à primeira vista, a primeira impressão da sua imagem. Outra coisa é o que ele era, com traços por vezes coincidentes e por vezes não. De pele branca com um tom rosado, simples, campestre, afável, carinhoso, apaixonado e elegante. Não importava onde nem diante de quem, a sua compostura era sempre distinta, harmoniosa, lúcida, tranquila e até lúdica.

Considerava-se um homem de esquerda. Parecia-me mais um liberal, sem dogmas nem amarras, livre para decidir, opinar e relacionar-se. Não falava de política, mas o seu comportamento era determinado por esta. Fazia com que os seus amigos se relacionassem entre si, criando laços de lealdade.

Apesar da sua imagem de dândi, de senhor refinado que não suja as mãos com nada e trabalha com a palavra e o pensamento, a verdade é que ele trabalhava com as mãos e sujava-se com tinta, usando uma

espécie de fato-macaco branco, porque até para isso era vaidoso, esteta ou asseado. Vestido com roupa formal, numa reunião, ou no seu dia a dia, ninguém imaginaria como ele se transformava na oficina ou ao fazer uma gravura.

Outro paradoxo: parecia que ele era apenas um gravador ou um pintor, quando era muito mais do que isso. Além de ser apaixonado pela fotografia, praticava uma escultura pouco divulgada, escassa mas preciosa, na qual deixava traços de sensibilidade e suavidade, associados ao canto de um pássaro, a uma grandeza, a um verso curto, mas imenso. Era assíduo da poesia, de poetas que musicam os gestos, os sinais, e que escrevem sobre transparências.

Fez vários livros com muito carinho e criatividade, em colaboração com José Saramago, a quem tive o prazer de conhecer através dele, tal como o mestre Rogério Ribeiro. Também não devemos esquecer a sua obra pública, exposta a todos: as suas pinturas murais no Metro de Lisboa e de São Paulo, em Macau, em São Pedro do Sul ou no Memorial José Saramago.

Quero recordar que o conheci em 1989. Nesse ano, fez uma magnífica exposição na galeria Tórculo, em Madrid. Na altura, escrevi sobre a delicadeza da sua criatividade. Tratava-se de uma obra subtil, feita com pasta de papel branca como a neve, com incrustações de fio de cobre que choravam um verde-veronese sobre a alvura, produzindo uma sensação emotiva e sublime. Desde então, vimo-nos com frequência em Madrid, Lisboa, Marbella, Betanzos, Porto, Cascais e Peso da Régua...

Minimalista? Sim, mas algo mais e ainda mais.

Apaixonado eternamente pelo papel. Começou com acrílicos sobre serapilheiras, monocromáticos, mas repletos de sinais de vida e de silêncio. Inicialmente, era apenas o branco, mas depois começou a partilhar o espaço com o preto e a utilizar outras cores de fundo, mantendo-se sempre fiel à sobriedade, à solidão e à elegância. Depois, foi adicionando outros elementos e objetos de ferro, cobre, zinco, madeira queimada, aço e latão, bem como algumas peças esplêndidas de 2011, argila, cartões e papéis...

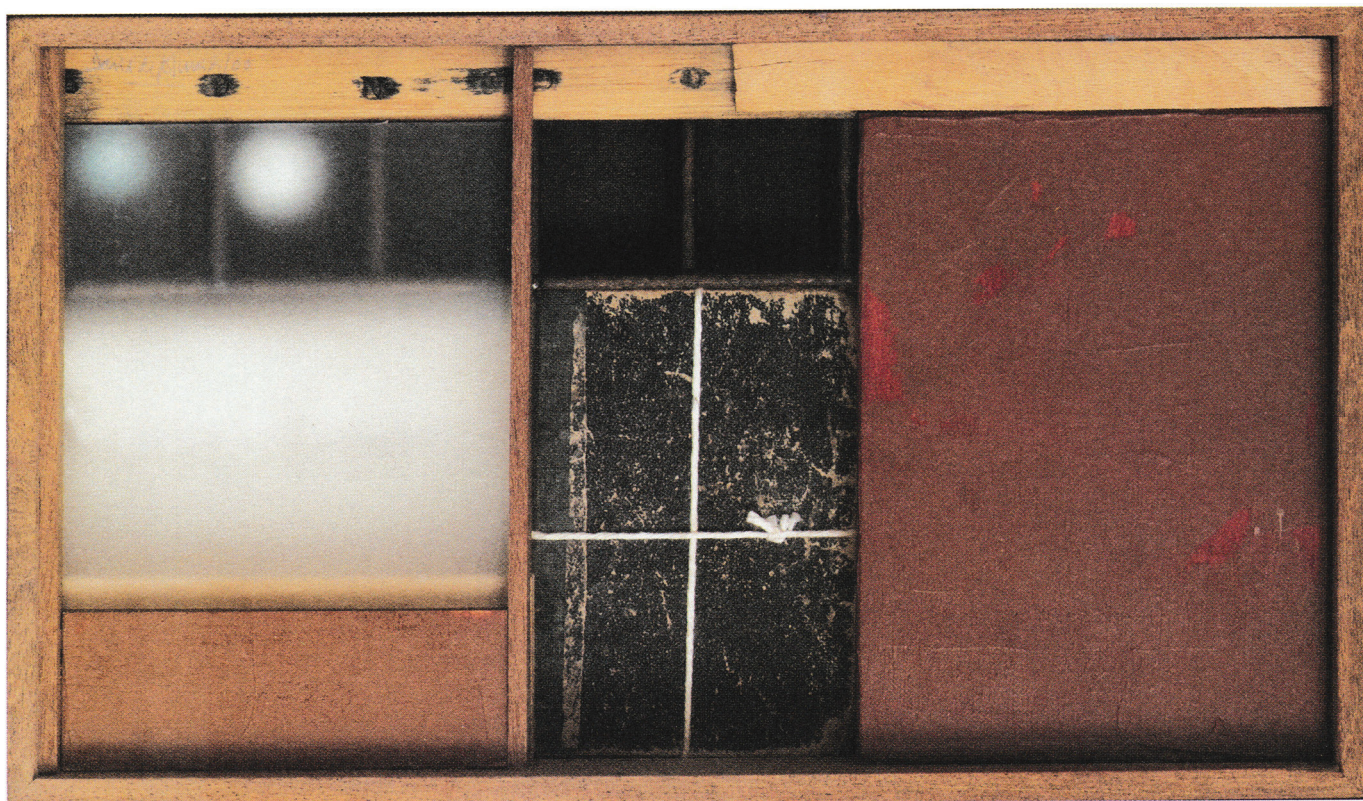
A sua paixão pelo papel estende-se à gravura, mas

também ao amor pelos livros, próprios e alheios. Como grande leitor, estava a par do que era publicado, mas é igualmente importante referir os livros que moldou enquanto desenhista e gravador, em colaboração com poetas e escritores. Em 1988, ilustrou o livro de poesia *O Mapa do Tesouro*, de Egito Gonçalves, editado pela Campo das Letras, Porto, na coleção "Aprendiz de Feiticeiro".

O trabalho mais relevante foi *Os Poemas Possíveis*, de José Saramago, com gravuras de Almeida. Com alguns dos meus textos e as suas serigrafias, criou *Cadência*, uma edição de cem exemplares publicada pelo Centro Português de Serigrafia em Lisboa, em 2011.

Em Espanha, teve grandes admiradores e conhecedores da sua obra, como Antonio Lorenzo, Monir, Gonzalo Cabo, Luis Feito, Jesús Núñez, Juan Carrete e Paco Farreras, que também o admirava. David organizou uma exposição da sua obra em Lisboa e defendia o seu trabalho onde quer que fosse. Julio A. Zacchrisson, mestre da gravura, valorizava e elogiava o seu trabalho pela perfeição técnica, pela poética andradiana, pela sensibilidade e limpidez. Tinha algo do *Branco no Branco* de Eugénio de Andrade. Dos seus amigos vivos, há uma boa representação neste evento comemorativo.

Ele ofereceu-me muitas coisas: livros, pinturas, a pequena escultura de Pessoa, aquela famosa primeira do género de Brito. No entanto, nada era mais importante do que a sua amizade, confiança, carinho e aquele sorriso que prometia um paraíso. Tinha um elevado sentido de pudor que o levava a comportar-se com distinção, elegância e lisura. Quando completaria oitenta anos, lembramo-nos dele e damos a conhecer a sua obra a outras pessoas, para que as novas gerações tenham uma ideia da sua presença.



#6A

David de Almeida

Caixa no. 2 - Macau

Objetos, técnica mista

23,5 x 35,5 x 7 cm

coleção Marie Huber

DAVID DE ALMEIDA EM DIÁLOGO

#14

David de Almeida

Santa Fé

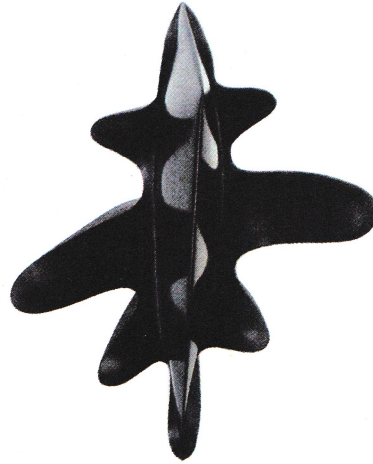
1998

Mogno, comboio e vidro

Ø 86 x 56 cm

coleção Atelier David de Almeida





#48

Andrés Alcántara

Esfinge del Atlántico

1996

Pedra de Calatorao

54 x 48 x 80 cm

coleção Fundação António Prates

